

TREATMENT INFORMATION GROUP

thinking about AIDS drugs

www.tig.org.za • arbrink@iafrica.com • tel 021 4264513 • fax 086 6720776
Postnet Suite 273 Private Bag X1 Vlaeberg, Cape Town 8018



O Comandante Presidente Hugo Chávez é recebido pelo então Presidente sul-africano Thabo Mbeki em Pretoria em 2 de Setembro de 2008, e é homenageado com uma salva de 21 tiros de canhão.



Mbeki recebendo das mãos do então presidente Fidel Castro a medalha da Ordem de José Martí, a maior honraria de Cuba, no palacio da Revolução da Havana, em 28 de março de 2001 durante sua visita à ilha.

Cidade do Cabo, 6 de Agosto de 2009

Estimados [REDACTED]:

Antes de tudo, gostaria de me apresentar. O meu nome é Anthony Brink, sou advogado do Supremo Tribunal de Justiça da África do Sul e ex-juiz dos Tribunais Regionais, de Distrito e Civil de meu País e, na minha qualidade de presidente do Treatment Information Group (Grupo de informação sobre tratamentos) trabalho atualmente, em tempo completo, para pesquisar e escrever sobre a Aids.

E possível que vocês se lembrem que no final do 1999 o então presidente sul-africano Thabo Mbeki desencadeou um escândalo internacional porque questionou publicamente a eficácia do AZT, o primeiro remédio, e ainda hoje amplamente usado, para o tratamento da Aids. Naquele momento a companhia multinacional farmacêutica Glaxo Wellcome (agora denominada GlaxoSmithKline) esperava obter milhares de milhões em lucro vendendo-o ao governo sul-africano para ser administrado às mulheres grávidas africanas que tinham sido diagnosticadas soropositivas.

No dia 28 de Outubro daquele ano, Mbeki declarou ao Conselho Nacional das Províncias, que é a segunda Câmara do Congresso:

“Preocupados por responder de maneira apropriada [à Aids em Sul-áfrica], muitas pessoas e organizações do nosso País fizeram um apêlo ao governo para facilitar o medicamento AZT no nosso sistema de saúde pública... Há uma grande quantidade de bibliografia científica que mostra, entre outras coisas, que a toxicidade desse medicamento é tal que se considera, de fato, um perigo para a saúde. Tudo isto suscita uma grande preocupação para o governo, já que ele seria responsável por não ter levado em conta as sérias advertências que os pesquisadores médicos têm feito. Portanto, com urgência, pedi ao Ministro da Saúde

Publica, para que ele se aprofunde neste assunto até onde seja possível, e mesmo nós, aí incluídas as autoridades médicas do nosso País, para que tenhamos certeza de quem está com a verdade”.

É significativo o fato de que a preocupação manifestada por Mbeki no que diz respeito ao AZT já tenha sido expressa pelo Dr. Kary Mullis, doutor em bioquímica e Premio Nobel de Química 1993, e que alguns o consideram talvez o Einstein da bioquímica. No prefácio do livro “Inventing the AIDS virus” (Inventando o vírus da Aids) do professor Peter Duesberg, da Universidade de California em Berkeley e publicado em 1996, o Dr. Mullis escreveu:

“Não conseguimos descobrir por que os médicos prescrevem um medicamento tóxico chamado AZT (Zidovudina) às pessoas que não se queixam de outra coisa a não ser da presença de anticorpos frente ao HIV em seu sangue. Na realidade, não conseguimos compreender a razão de haver algum motivo pelo qual os seres humanos sejam levados a tomar este medicamento”.

O Dr. Mullis condenou o AZT outra vez no artigo de Celia Farber, publicado em março de 2006 em Harper’s Magazine, intitulado: “Out of Control: AIDS and the Corruption of Medical Science” (Fora de controle: a Aids e a corrupção da ciência médica):

“No campo da Aids, há uma neurose estendida entre os científicos... há simplesmente tantas evidências que, devagar, se acumulam contra eles. Para eles é realmente difícil tratar o assunto. Eles cometeram um erro realmente grande e não conseguirão repará-lo nunca. Ainda estão envenenando as pessoas”.

Tanto é assim, que quando a companhia química Sigma-Aldrich fornece somente 25 mg do AZT aos laboratórios de pesquisa, que é uma quantidade realmente muito pequena e representa um quarto

da quantidade contida numa só cápsula vendida pela GlaxoSmithKline, a etiqueta do vidrinho leva a figura de uma caveira com duas tíbias cruzadas para indicar risco químico tóxico mortal e adverte:

“TÓXICO: Tóxico por inalação, em contato com a pele e por ingestão. Órgão(s) alvo: sangue e medula óssea. Em caso de acidente ou de sensação de mal-estar, dirigir-se ao médico de imediato (mostrar a etiqueta sempre que seja possível). Levar uma roupa de proteção adequada”.

A versão mais recente da etiqueta também inclui uma advertência sobre os seus possíveis efeitos cancerígenos frente a uma exposição acidental.

Apesar deste fato, GlaxoSmithKline recomenda uma dose diária de 500 a 1.500 mg, que é a quantidade que Sigma-Aldrich adverte que pode até matar, multiplicada por 20 e mesmo por 60 vezes, e mesmo assim a companhia diz que se deve ingerir esta quantidade de AZT todos os dias até a morte.

Obviamente, somente uma organização criminosa anglo-americana pode ser capaz de vender este veneno tão mortífero e outros venenos celulares similares como se fossem remédios, e consciente destes fatos, somente um médico imbecil pode chegar a prescrever a sua ingestão deliberada a uma pessoa, mais ainda quando se trata de uma mulher grávida. (Talvez por que no seu íntimo ache que tudo o que provém do mundo anglo-saxão seja maravilhoso, particularmente os conhecimentos médicos e a mercadoria produzida pelo complexo médico industrial ocidental, que parecem ser muito científicos e modernos, mas que na realidade são completamente corruptos, como qualquer outro negócio descomunal cujo objetivo único é ganhar muita grana).

Segundo o meu ponto de vista, o AZT simboliza o capital empresarial levado ao seu ponto mas psicótico.

Pouco tempo depois de advertir o povo sul-africano sobre os danos do AZT, Mbeki convocou um simpósio internacional que

reuniu os especialistas do Aids com enfoques diferentes sobre a síndrome, para debater a teoria oficial do HIV em si mesma.

A coisa mais notória deste fato é que até o final da década passada, Mbeki tinha sido o diretor e o promotor enérgico da política sobre a Aids em Sul-africa seguindo pautas de conhecimento completamente convencionais e ortodoxas. O que também foi muito significativo relativamente a mudança de atitude radical de Mbeki sobre a Aids, é que em geral Mbeki é tido em muita estima como um brilhante intelectual revolucionário e um dos pensadores post-coloniais mais importantes dos países do hemisferio sul.

Mbeki foi apoiado outra vez pelo Dr. Mullis, Premio Nobel, no questionamento não somente do medicamento, mais também da montagem mesma da Aids. Ele foi citado em 24 de Janeiro de 2001 pelo Mail&Guardian de Johannesburgo:

“A hipótese HIV/Aids é o maior erro científico e médico do século vinte. As provas são esmagadoras em relação ao fato que o Aids não é contagioso, não se transmite por via sexual e não é causado pelo HIV. Os médicos que conhecem ou suspeitam a verdade se envergonham ou tem medo de admitir que os testes do HIV sejam absurdos, que deveriam ser proibidos e que os medicamentos contra o HIV estão provocando danos e matando pessoas”.

Conforme uma biografia recente, “Thabo Mbeki: The Dream Deferred” (Thabo Mbeki: O sono adiado), publicada em Novembro de 2007, Mbeki acha que realmente é “muito, mais muito lamentavel” que a sua iniciativa para organizar um debate científico sobre o dogma americano do Aids, tinha sido “abafada” (segundo as suas palavras) por individuos envolvidos a nivel pessoal e profissional na teoria do HIV/Aids ortodoxa e, por trás destes, pelos grupos de interesses da indústria farmacêutica. O autor faz constar que a retirada forçada de Mbeki do seu questionamento público da ortodoxia do Aids, com o conseqüente envenenamento de centenas de milhares de africanos,

especialmente crianças ainda por nascer e recém-nascidas, com medicamentos para a Aids tóxicos, foi uma das decisões mais difíceis da sua carreira política.

O que induziu Mbeki a pesquisar sobre a validade do paradigma convencional da Aids foi o meu livro “Debating AZT” (Debatendo o AZT) (o próprio Mbeki o confirmou aos jornalistas Allister Sparks e Mark Gevisser). Apoiando a minha causa contra o medicamento, o seu inventor, o Dr. Richard Beltz, Professor emérito de bioquímica da Escola de Medicina da Universidade de Loma Linda na Califórnia, me escreveu uma carta no dia 11 de Maio de 2000 fazendo um comentário sobre o livro:

“Justifica-se que você lance uma advertência diante do uso terapêutico prolongado do AZT, ou o seu uso para as mulheres grávidas, devido à sua toxicidade e efeitos secundários demonstrados. Infelizmente, os efeitos devastadores do AZT só emergiram depois que os experimentos estavam entrando na fase final... O seu esforço vale a pena... Espero que você consiga convencer o seu governo para não facilitar o AZT”.

“Debatendo o AZT” e todos os meus outros escritos sobre o assunto estão disponíveis gratuitamente no site do TIG (www.tig.org.za). Alguns destes escritos foram traduzidos para o espanhol e podem ser consultados na seção em espanhol do site.

Há pouco tempo recebi uma cópia da monografia de 198 páginas (em formato A4) “Castro Hlongwane... HIV/AIDS and the Struggle for the Humanisation of the African” (Castro Hlongwane... O HIV/Aids e a luta pela humanização dos africanos) aonde Mbeki mostra e ataca exaustivamente as falácias científicas e o veneno ideológico que estão nas bases do modelo HIV/Aids. O documento revela que Mbeki deu-se conta do problema da teoria HIV/Aids no seu nível mais fundamental, que foi identificado por Eleni Papadopulos-Eleopulos, biofísica australiana especialista em medicina do hospital Royal Perth.

“Ainda que pareça estranho, dado o que nossos amigos [*n.d.t. refere-se aos países ocidentais de maneira sarcástica*] nos dizem todos os dias relativamente ao **Vírus**, ninguém o viu, nem mesmo os nossos amigos.

Ninguém conhece o seu aspecto. Ninguém sabe como se comporta. Todos atuam se baseando numa série de hipóteses sobre o Virus, que reputam serem fatos e consideram que estas hipóteses foram demonstradas cientificamente.

Os que foram imbuídos na fé de que milhões de nós [*n.d.t. africanos*] estão infectados por um Virus HI mortal, não vão crer na afirmação que não se levou a cabo a tarefa de isolar o nosso unico Virus HI. O aparelho onipotente [*n.d.t. é uma frase do filosofo radical Herbert Marcuse a quem cita repetidamente*] vai gritar forte que a revelação desta verdade constitui o próprio núcleo da não conformidade deletéria que deve ser denunciada e reprimida por todos os meios e a qualquer preço.

Em vez de perpetuar a nossa repressão auto-infligida, é hora de exigirmos que se leve a cabo o trabalho científico necessario para isolar e analisar o Virus que se considera tão mortífero”.

Em poucas palavras, ainda que pareça incrível, Mbeki assina muito corretamente que “o virus” nunca foi isolado nem visto. O problema está descrito de maneira sucinta no artigo escrito por Eleni Papadopulos-Eleopulos e seus colegas médicos “Demonstrando a existencia do HIV”, que traduzí para o espanhol e que se acha na seção em espanhol do site do TIG. Para ler o exame e a desmontagem crítica detalhada destes científicos relativamente a afirmação de Luc Montagnier de ter isolado o “HIV”, veja-se “Montagnier Nobel Prize 2008” no site www.theperthgroup.com.

O Dr. Kgalema Motlanthe, sucessor do Presidente Mbeki desde Setembro de 2008 (agora vicepresidente), também compreende este problema de base da teoria do HIV em relação a Aids.

Quando em Agosto e Setembro de 2000 Motlanthe, então Secretário geral do congresso nacional africano, foi entrevistado pelo professor Pádraig O'Malley, afirmou:

“Como todos sabem este vírus não foi isolado, fotografado nem tampouco estudado sob condições controladas no que se refere ao seu comportamento. ... Os cientistas ainda estão levando a cabo um trabalho de pesquisa para procurar isolar o vírus. No entanto tem pessoas, impulsionadas pelas companhias farmacêuticas, que dizem que esta pergunta nunca deve ser feita porque as companhias farmacêuticas produzem medicamentos se baseando no fato que o HIV causa o Aids e ponto final. É a única causa do Aids e chega. Se são feitas todas as outras perguntas, acusam-no de dissidente, ruim, malicioso, um perigo para a sociedade, do fato que vai ser responsável da morte de tantas crianças e deste e daquele etc. São bobagens das companhias farmacêuticas”.

Relativamente aqueles sul-africanos, a maioria deles brancos, que haviam criticado o ceticismo de Mbeki no que diz respeito ao pensamento convencional em relação à Aids, Motlanthe diz:

“Pode-se ver que a metade deles não lê nada, porém acha que está bem informada pelo fato de ser branca”.

Se aqueles que se auto proclamam entendidos em Aids se pergunta se realmente alguma vez viram o “vírus”, conforme Motlanthe eles “vão jurar que sim” e a razão da sua raiva se baseia no fato que

“Simplesmente não existe. Admitem o fato com autoridade e depois o transmitem deste jeito mais não existe autoridade, é uma mentira repetida por aqueles que se reputam saber mais. A verdade neste assunto é que se eles tiverem que admitir o fato que na realidade não aconteceu uma coisa desta ordem [*n.d.t. que o*

'virus' nao foi isolado], suponho que isto poderia causar repercussões em todo o mundo científico. Seria como quando Galileo [desafiou a teoria geocêntrica], que causou repercussões sérias. Isto é o que sucederá com este assunto”.

“Castro Hlongwane” também se ocupa de examinar o fracasso da esquerda em questionar e pesquisar as bases científicas do paradigma HIV/Aids, e Mbeki, sendo o autor principal, mostra neste campo, considerando-o a partir de um ponto de vista objetivo, a maneira como a esquerda apóia a indústria farmacêutica, e deste modo serve ao capital.

Caso vocês queiram ler esta crítica radical exaustiva de Mbeki, que considero uma das mais interessantes, poderia fazer chegar até vocês. A tradução em espanhol de algumas das passagens mais importantes está em preparação.

Finalmente, com respeito a medicina do HIV/Aids, eu gostaria de me despedir com uma observação que Karl Marx exprimiu em “The German Ideology” (A ideologia alemã) em 1845:

“Em todas as épocas, as idéias dominantes são as idéias da classe dominante”.

E também com o que Ernesto “Che” Guevara fez nos lembrar no seu discurso à milícia cubana do 19 Agosto de 1960 “Sobre a medicina revolucionária”:

“Muitas vezes depois a gente vai se dar conta quão equivocados fomos relativamente a conceitos que eram tão familiares que chegaram a ser parte de nós mesmos e que eram uma parte automática do nosso pensamento. Muitas vezes devemos mudar todos os nossos conceitos, não somente os conceitos gerais, os conceitos sociais e filosóficos, assim como, as vezes, os conceitos médicos...”

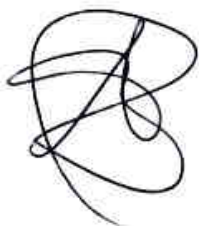
Visto che vocês são defensores do pensamento independente, sigamos o conselho que Mikhail Bakunin deu em Deus e Estado em 1916:

“A gente não se contenta de consultar as autoridades em qualquer atividade especial; a gente consulta varias; a gente compara as suas opinioes, e escolhe aquila que parece a mais ajuizada. Mais a gente non reconhece nenhuma autoridade infalível, nem ainda em questões especiais; por conseguinte, ainda se eu tiver qualquer respeito pela honestidade e sinceridade desse tal ou tal individuo, a gente não tem nenhuma fede absoluta em nenhuma pessoa. Uma fé desse jeito poderia ser fatal para a minha razão, a minha liberdade, e ainda para o minho sucesso nas minhas empresas; poderia me transformar imediatamente num escravo estúpido, num instrumento da vontade e interesses dos outros”.

Recentemente me dirigi, em carta, ao Ministro da Saúde Pública de Cuba e a CONAMEV de Venezuela com uma informação semelhante e estou esperando suas respostas.

Fico á vossa disposição para compartilhar com vocês informação que possa ajudar á alertar as pessoas do vosso País no que se refere aos mitos venenosos e aos enormes perigos da medicina norte-americana do Aids.

Saudações cordiais,



ANTHONY BRINK

Presidente do Grupo de informação sobre tratamentos
Cidade do Cabo
Africa do Sul